

Aspectos da cultura irlandesa na tradução do conto “The Boarding House” de James Joyce

Joyce S. Fernandes¹

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar e refletir sobre algumas das opções e escolhas de tradução feitas por Lucia Collin e Hamilton Trevisan no processo tradutório do conto “The Boarding House”, de James Joyce (1882-1941), com relação à manutenção dos aspectos culturais delineados por Joyce ao longo do conto referentes à sociedade irlandesa do início do século XX. Tais aspectos foram analisados sob a perspectiva interdisciplinar da Literatura Comparada e dos Estudos de Tradução Literária, com aporte teórico fundamentado em Coutinho (2004), Martins (2011), Pagano (2000) e Santiago (2000). Foi possível identificar maior fidedignidade com relação ao texto original na tradução de Collin.

Palavras-chave: Tradução Literária; James Joyce; Estudos Comparativos.

INTRODUÇÃO

A tradução literária tem servido a várias funções e objetivos desde seus primórdios com os primeiros textos traduzidos por filósofos e estudiosos gregos, e sua contribuição para a literatura mundial é inegável em vários aspectos, abrangendo desde atitudes de manipulação de culturas de massa até a integração e complementação de literaturas nacionais diversas. Através da tradução é possível transpassar fronteiras, não somente físicas, mas culturais, sociais e históricas, permitindo a disseminação de conceitos, lendas, contos, histórias, notícias, fábulas etc.

Martins define o papel principal da tradução como “força modeladora dos sistemas literários” (2011, p. 111), já que é através dela que gêneros literários presentes em uma cultura podem ser conhecidos e posteriormente implantados em uma nova cultura. Assim

¹ Mestranda em Letras pela UNIOESTE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. E-mail: joycesfernandes@hotmail.com

sucedeu com a literatura brasileira com a introdução de formas literárias como os folhetins, os sonetos e a poesia concreta, por exemplo. Tal processo é também comum a várias outras literaturas, por razões diversas e com funções também inúmeras. A tradução seria capaz, então, de servir como uma força inovadora, capaz de introduzir modelos textuais, novas linguagens poéticas e formas métricas, ampliar recursos literários, incorporar moldes estrangeiros e ainda preservar o repertório canônico. A esse respeito, Martins ainda afirma que “qualquer modelo de sistema literário deveria incluir a literatura traduzida, diante do potencial de trazer inovações e mudança inerente à tradução” (MARTINS, 2011, p. 111).

A literatura brasileira precisou da tradução desde os primórdios de sua formação, quando ainda era uma literatura jovem, cheia de vácuos que precisavam ser preenchidos, e ainda hoje se sente influenciada pela literatura estrangeira, mesmo que por razões diferentes. Aqui, a tradução surgiu como uma “condição do ser pós-colonial, “ser traduzido”, “ser-entre-línguas” (PAGANO, 2000, p. 159), onde a literatura em formação carecia de modelos pré-estabelecidos para, a partir daí, começar a se constituir de maneira homogênea e independente. Para tanto é que Oswald de Andrade desenvolve um projeto modernista que propõe

a necessidade de incorporar a produção artística dentro de um movimento universal [...] [implicando], por um lado, a conscientização da nossa dívida para com as culturas dominantes e, por outro, a superação desse débito por meio da devoração antropofágica do legado cultural estrangeiro. (SOUZA et MIRANDA, 1999, p. 43)

Essa visão pode servir como premissa para compreender a atitude do latino-americano em relação à literatura traduzida, inserida em seu contexto cultural por meio de estratégias ou não, mas sempre envolvida em “tensões entre línguas, memórias e histórias” (PAGANO, 2000, p. 160). No contexto latino-americano, de maneira geral, a tradução ainda ocupa espaço privilegiado, talvez não mais como instrumento de inserção de novos modelos literários, mas como transformadora de ideias, conceitos e pensamentos em relação à própria literatura e à cultura de maneira geral como o grande sistema que é.

Os estudos de Literatura Comparada se relacionam intimamente com os estudos de tradução literária por terem como objeto de pesquisa fundamental a Literatura, por tratarem de aspectos históricos, culturais e sociais, de maneira geral, relevantes a ambas e a própria tradução em si já servir como ponto de partida para uma análise comparativa entre duas ou mais obras literárias, por exemplo. Neste sentido é possível dizer que os estudos literários e

de tradução não somente se complementam, mas se interdependem e realizam juntos diálogos que seriam impossíveis dentro de um único idioma ou de uma única cultura. Segundo Coutinho,

El comparatismo ha alcanzado una dimensión que se expresa hoy por la multiplicidad de caminos con que él dialoga con la obra literaria. Vuelto cada vez más hacia el texto, pero consciente por una realidad histórico-cultural determinada y, por tanto, posible de cuestionamiento, el comparatismo ha puesto en jaque sus presupuestos básicos, de carácter etnocéntrico, y ha reformulado constantemente sus cánones. (COUTINHO, 2004, p. 246)²

Tal afirmação reforça a ideia discutida até então do poder transformador da tradução e da necessidade de vinculá-la aos sistemas literários existentes em cada cultura, a fim de ampliar a capacidade desses sistemas e a possibilidade de diálogo entre eles.

Estudar as traduções de uma obra literária, portanto, tem aí sua importância já justificada. Cada vez que se analisam as escolhas feitas por um tradutor durante o processo tradutório, mais se compreende a respeito dos atos que nele estão presentes e mais teorias podem ser desenvolvidas para a melhoria e avanço das técnicas de tradução, em busca de resultados ainda mais expressivos dentro de qualquer cultura para a qual o texto traduzido será produzido. Rodrigues entende que tais “teorias sobre o assunto são motivadas pela dinâmica das reflexões de tradutores e especialistas a respeito de seus próprios atos de tradução e sobre a utilidade, impacto e função dessas traduções na sociedade humana” (1999, p. 122). Pensar sobre o ato de traduzir é, portanto, essencial para um sistema literário, seja ele o do texto fonte seja o do texto traduzido.

Sobre o processo de avaliação da tradução, estudiosos defendem correntes de estudos diversificadas que focam aspectos diferentes do texto. Partindo dos estudos assistemáticos como as abordagens linguísticas, estudos psicolinguísticos e investigações

² “O comparatismo alcançou uma dimensão que se expressa hoje pela multiplicidade de caminhos com que ele dialoga com a obra literária. Voltado cada vez mais para o texto, mas consciente de uma realidade histórico-cultural determinada e, portanto, passível de questionamento, o comparatismo colocou em cheque seus pressupostos básicos, de caráter etnocêntrico, e tem reformulado constantemente seus cânones” (COUTINHO, 2004, p. 246).

neo-hermenêuticas, passando pela observação do comportamento do leitor e de como o texto traduzido é por ele compreendido, até os estudos descritivos da tradução com foco no próprio texto, são muitas as maneiras de analisar e avaliar uma tradução literária.

O trabalho do tradutor é, portanto, de extrema importância e “ainda que de forma não-consciente, o tradutor estabelece de imediato uma relação entre o texto-fonte e o texto alvo. A cada passo do processo de tradução, seu autor avalia o texto que está construindo” (RODRIGUES, 1999, p. 126). Nesse processo detalhista o tradutor precisa, antes de começar a traduzir o texto para outro idioma, compreendê-lo a fundo através de uma leitura minuciosa que, em si, já é um tipo de tradução.

Como o signo se apresenta muitas vezes numa língua estrangeira, o trabalho do tradutor em lugar de ser comparado ao de uma tradução literal, propõe-se antes como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão. O signo estrangeiro se reflete no espelho do dicionário e na imaginação criadora do escritor latino-americano e se dissemina sobre a página branca com a graça e o dengue do movimento da mão que traça linhas e curvas. (SANTIAGO, 2000, p. 21)

Sendo assim, o presente estudo é proposto com a intenção de refletir, a partir das noções já expostas, sobre as traduções do conto “The Boarding House”, de James Joyce, feitas por Lucia Collin e Hamilton Trevisan, no que diz respeito aos aspectos da cultura irlandesa delineados por Joyce ao longo do conto que fazem parte da característica estilística do autor.

1 JOYCE E DUBLINERS

O escritor irlandês nascido em dois de fevereiro de 1882, em Dublin, tinha inúmeras razões para focar suas histórias em sua cidade natal, principalmente tratando-se da época que compreende o final do século XIX e o início do século XX, momento de transição cultural e social na Irlanda, retratado por Joyce de várias maneiras e sob vários pontos de vista.

Proveniente de uma família rica de tradição católica, com bases em uma região chamada Rathgar, Joyce teve uma educação rígida, seguindo os padrões morais e éticos da sociedade da época. Mas a situação econômica da família foi mudando, o que forçou Joyce a mudar-se várias vezes, para residências mais humildes, e receber ajuda da esposa e do irmão em alguns momentos para se manter, além de trabalhar como professor de inglês. Estudou na universidade de Dublin e em Paris. Aprendeu vários idiomas e participou de grupos de literatura e teatro, o que provavelmente o desviou do caminho de tornar-se padre, desejo de sua família. A partir disso, desenvolveu cada vez mais seu senso crítico em relação aos hábitos da sociedade irlandesa e dos elementos culturais e sociais conservadores, representados principalmente pelo poder da igreja.

Seus primeiros escritos eram de cunho mais conservador, com influência das correntes simbolistas e realistas, vigentes na época. Joyce escreveu peças de teatro e poemas cuja temática era principalmente alegria e tristeza. Seus poemas chegaram a ser publicados, mas muito cedo descobriu que seu maior talento era para o romance. O autor de *Ulisses* não é escritor de um livro só, sendo, de fato, uma exceção no meio literário, pois só publicou obras-primas e, além disso, transformou a linguagem literária introduzindo o romance moderno ao explorar processos narrativos cheios de recursos verbais e estilísticos assim como o fluxo de consciência.

Sua última publicação foi *Finnegans Wake*, obra que consolidou definitivamente o estilo de Joyce, reforçando as inovações na escrita romanesca por ele introduzidas em *Ulisses*. Faleceu em Zurique em treze de janeiro de 1941, deixando um legado inestimável para a literatura mundial, influenciando gerações de escritores tendo sido traduzido para diversos idiomas, tornando possível a disseminação ainda mais expressiva de sua escrita inovadora e moderna. Ler qualquer um de seus livros gera expectativas e tensões no leitor que são resultados inegáveis de seu gênio criativo.

Dubliners foi o primeiro livro de ficção escrito por Joyce quando ele tinha apenas 23 anos e é composto pela coleção de 15 contos. A obra pode ser considerada uma porta de entrada para conhecer Joyce e suas qualidades narrativas por ser a primeira e por retratar sua cidade natal através de temas variados com foco na tradição cultural e social irlandesa.

As narrativas curtas tratam de assuntos relevantes à época, como a prática religiosa rígida do catolicismo, as relações familiares extremas, muitas vezes autoritárias e violentas, o alcoolismo, as diferenças de classe, o nacionalismo, os costumes da classe média, a moral. Cada história pode ser vista como uma parte da colcha de retalhos que relata a história pública da Irlanda vista a partir do individual, do pessoal, do íntimo de cada personagem em seus ambientes mais privados como o trabalho ou a casa.

Joyce expõe em *Dubliners* uma visão crua da cidade de Dublin através da sutileza de detalhes que envolvem suas narrativas e os atos de seus personagens. Ele expõe as vidas dos moradores da cidade e as tradições das quais ele mesmo nunca conseguiu se desvencilhar através de passagens maduras e muito bem elaboradas, entremeadas por diálogos espontâneos.

Neste livro os contos seguem uma ordem de extrema relevância para a obra como um todo, traçando um panorama da vida humana pelos estágios naturalmente vividos por todos, desde a infância até a fase adulta. Conforme as histórias amadurecem no tempo, tornam-se também mais complexas, representação coerente com o que realmente acontece no ciclo lógico da vida.

Devido ao intenso caráter de crítica adotado por Joyce nos contos dessa coletânea, o autor teve grande dificuldade para publicá-la e sofreu rejeição de pelo menos vinte editores, tendo um de seus volumes queimado em público como demonstração de revolta. Em carta ao editor americano de *Ulisses*, Joyce relata tais fatos e ainda descreve o indivíduo que queimou o livro em Dublin como uma pessoa “bastante intencionada” que teria cometido um “ato de fé”.³

Apesar de tudo, *Dubliners* foi publicado finalmente em 1914, quando todos os sentimentos de Joyce com relação à sua cidade natal puderam chegar ao público, chocando e causando a ira de muitos. Com histórias muitas vezes explícitas do cotidiano e dos hábitos dos dublinenses, este não é um livro que pudesse ser recebido com facilidade pelo público irlandês, pois Joyce exalta a cidade em muitos momentos, mas sua crítica a ela

³ A carta está disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1281>, citada no texto de Gilfrancisco Santos.

também está presente em todos os contos. O autor expõe Dublin em detalhes da formação humana através de personagens no mínimo curiosos e representativos. Sensações do dia a dia da cidade são expressas nas narrativas de forma peculiar formando uma pintura da vida dos dublinenses em seus momentos mais íntimos.

2 THE BOARDING HOUSE

O conto aqui estudado é “The Boarding House”, traduzido como “A Pensão”. Essa é a história de uma jovem que se deixa atrair por um dos moradores da pensão de sua mãe de forma que os três acabam tendo que se responsabilizar pelo acontecido e tomar uma decisão cabível e aceitável perante a sociedade. Dentro de um cenário de maridos violentos e alcoólatras, paradigmas entre tradição e modernidade, casamento e separação, castidade e promiscuidade, esses três personagens são forçados a assumir o peso da responsabilidade por seus atos imorais.

A Sra. Mooney é a dona da pensão, divorciada de seu marido violento e sempre embriagado, e mãe de Jack Mooney e Polly Mooney. Sua determinação era o que a mantinha bem nos negócios e o que mantinha a família longe de problemas. “A própria pensão da Sra. Mooney é aquele quase um lar, aquele espaço transitório em que as pessoas, afastadas das suas famílias por algum motivo, tentam manter um convívio próximo àquele de um lar verdadeiro” (COLLIN, 2007, p. 139).

A filha da Sra. Mooney, Polly, estava sempre flertando com os hóspedes da pensão, apesar de todos os cuidados da mãe para que ela não tivesse nenhum envolvimento inadequado com eles. Contudo que nada demais acontecesse, ela fingia que não via, afinal, seus hóspedes gostavam de ter uma moça por perto, o que era bom para os negócios.

Quando Polly se envolve com Doran, rapaz muito católico e funcionário em um escritório de comércio de vinhos, a Sra. Mooney decide intervir porque percebe o caso mais sério do que os simples flertes da filha com os demais pensionistas. Em um contexto em que todos sabem tudo sobre todos e as fofocas correm rapidamente, a Sra. Mooney precisa

tomar uma atitude para reparar o dano feito não somente à imagem de sua filha, mas também à de sua pensão, que já começava a ficar mal falada. Mas a honra da filha era o que menos importava nesse caso, o que a Sra. Mooney realmente queria era providenciar um casamento que fosse benéfico a si mesma e à filha. Quanto à moça apaixonada, o único interesse era desvencilhar-se das amarras da mãe.

Doran sentiria o peso da opinião pública caso não se casasse com a filha da pensão e ainda corria o sério risco de perder seu emprego. Desolado e tomado por uma sensação de impotência diante dos fatos, o rapaz reflete sobre o que fazer, mas o conto deixa claro que, naquelas condições, não havia muitas escolhas a fazer. O final fica em aberto omitindo a conversa que tanto se espera entre os três personagens para finalmente saber qual será a decisão tomada.

Collin afirma que essa paralisia sofrida por Doran face a uma obrigação social e uma cobrança moral à qual ele não pode fugir está presente em todos os contos do livro e representa “um elemento muito distinto [...] [da sociedade irlandesa da época] – as pessoas estão, de certa forma, condenadas à estagnação porque não reagem às imposições da convenção social que lhes são constantemente feitas” (COLLIN, 2007, p. 139).

O simbolismo e minimalismo de Joyce em “A Pensão” estão demarcados ao longo do conto por vários detalhes, como por exemplo, o sistema de cores do qual ele se utiliza para ilustrar as cenas e demonstrar certos sentimentos. As cores amarela e marrom são usadas com muita frequência e dão um tom que pode representar a decadência do sistema social irlandês o qual ele tanto critica.

Os tons amarelos são apresentados em vários trechos do conto sendo o primeiro tratando-se do primeiro emprego de Polly, como secretária no escritório de um produtor de milho. Na tradução de Collin ele se torna um “escritório de comércio de grãos” (2007, p. 100), mas na tradução de Trevisan é um “escritório de um comerciante de cereais”. Em ambas as traduções, quando a palavra milho é traduzida como grãos e cereais, a simbologia da cor perde um pouco de sua significação, já que estes produtos são mais generalizados implicando uma variedade de cores à disposição da imaginação do leitor.

No típico café da manhã irlandês da classe média tinha que haver ovos e bacon. Os "yellow streaks of eggs" na mesa do café da manhã da pensão da Sra. Mooney foram traduzidos por Collin como simplesmente “resíduos de ovos” (2007, p. 101), e por Trevisan como “estrias amarelas de ovo”, uma opção bem mais literal e que nos remete diretamente à cor em questão. O bacon, que remete à cor marrom e no original aparece como “bacon-fat and bacon-rind”, tornou-se “bocados de gordura e cascas de bacon” (2007, p. 101), na tradução de Collin, e “restos de toucinho e couro torrado” na de Trevisan. Toucinho e couro remetem diretamente à cor marrom, mas fogem do sentido que o bacon tem no café da manhã irlandês de maneira geral. A tradução de Collin nesse caso foi mais eficaz tanto em relação à simbologia da cor, como à fidelidade ao contexto original.

O pão do café da manhã também tem seu significado, tratando-se aqui dos restos de pão recolhidos pela empregada para fazer pudim. No original diz-se "pieces of broken bread" nas traduções de Collin e Trevisan lê-se “pedaços de pão esmigalhado” (2007, p. 101) e “cascas e pedaços de pão”, respectivamente. A primeira tradução está mais próxima do original com respeito à escolha de vocábulos que foi feita, já que a palavra “cascas”, na segunda, é um acréscimo. No entanto, tal acréscimo parece vir a reforçar a representação da cor marrom nesse contexto.

Já o pudim, acima mencionado, é o “Tuesday’s bread-pudding”, que na tradução de Collin é simplesmente o “pudim da terça-feira” (2007, p. 101), e na tradução de Trevisan vira o “pudim da segunda-feira”. Tal equívoco cometido por Trevisan é meramente um deslize de tradução, já que não influencia no entendimento da narrativa como um todo se considerando que em nenhum outro momento do conto existe definição do tempo em que se passa a história. Portanto, tal equívoco não teria influência sobre o entendimento do leitor.

“The little gilt clock” sobre a lareira que a Sra. Mooney consulta para conferir as horas depois de um momento de devaneio a respeito das providências que tomaria em relação ao caso da filha com o pensionista também remete à cor amarela. Tanto em Collin quanto em Trevisan ele aparece como “um relógio dourado”, sem nenhum problema de interpretação para o leitor.

Outro símbolo evidente da cultura irlandesa presente no conto são as referências aos tipos de cerveja tão comuns e evidentes na Irlanda até hoje, normalmente cervejas escuras e fortes. No conto, o narrador afirma que “beer or stout” não estão inclusos no jantar da pensão. Este trecho foi traduzido por “cerveja, preta ou não”, por Collin (2007, p. 100), e “vinho e cerveja”, por Trevisan. A primeira tradução se aproxima mais do original, já que a palavra “vinho” foi aqui utilizada em substituição à palavra “stout”, não servindo de equivalente nem pelo significado da palavra em si e menos ainda pelo contexto no qual ela foi utilizada, não representando de maneira alguma a cultura Irlandesa. Apesar disso, talvez uma opção mais segura e fiel fosse manter a palavra “stout”, já que ela não pode ser considerada um equivalente para a cerveja preta que se conhece no Brasil.

Em outro momento, Doran se lembra de Jack Mooney quando este passou por ele durante a noite com “two bottles of Bass” em mãos e o cumprimentou friamente. Trevisan traduziu essa passagem como “duas garrafas de cerveja”, enquanto que Collin preferiu especificar que eram “duas garrafas de cerveja Bass” (2007, p. 105), acrescentando e esclarecendo ainda em nota de rodapé que Bass é uma “marca de cerveja forte e escura produzida em Staffordshire” (2007, p. 105).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As traduções do conto “The Boarding House” aqui discutidas, tanto a de Luci Collin como a de Hamilton Trevisan, intituladas como “A Pensão”, foram analisadas com foco somente em alguns aspectos do conto que remetem a traços da cultura irlandesa nele apresentados, já que não era objetivo deste artigo analisar a qualidade e fidedignidade das traduções com respeito a nenhum outro aspecto do conto. No entanto, algumas das escolhas feitas pelos tradutores puderam ser investigadas e discutidas, a fim de perceber quais delas teriam sido mais bem sucedidas no contexto do conto.

Hamilton Trevisan fez escolhas algumas vezes semelhantes às de Luci Collin e outras muito diferentes. Claramente as opções de ambos eram variadas, de acordo com cada

trecho do conto, mas as escolhidas por Collin mostraram-se mais eficazes e fiéis ao original, não somente em função da estrutura e escolha de vocábulos, mas também com relação ao próprio contexto cultural exposto por Joyce ao longo do conto. Muito possivelmente, a razão para isso esteja no fato de que Collin traduziu este conto de Joyce para uma coletânea exclusiva de contos Irlandeses, tendo, portanto, “não só a intenção de mostrar a riqueza, sobretudo estilística e temática, que marca o conto irlandês moderno, mas também, [...] chamar à cena escritores que [...] tenham grande relevância no cenário da literatura irlandesa” (COLLIN, 2007, p. 13).

Isso comprova e reafirma o papel da tradução como forma de disseminação de uma cultura específica. A partir dos contos de Joyce traduzidos é possível conhecer muito da cultura e história da Irlanda, desde que o tradutor consiga abranger essa dimensão do conto e transpor seus significados para outro idioma de maneira que o leitor seja captado para a época, o lugar e a situação social apresentadas no conto. Para Rodrigues:

O tradutor deve buscar criar um TT *homólogo* (idêntico é impossível) ao TF, com marcas textuais homólogas e que seja capaz de criar no leitor final uma leitura homóloga ao do original, em que “seja possível reconhecer-se” também “as marcas que o primeiro imprimiu no seu fenotexto, e não apenas as marcas da operação tradutória. (RODRIGUES, 1999, p. 135)

As impressões estilísticas da narrativa de Joyce, assim como sua intencionalidade, devem, portanto, transparecer na tradução de forma que o leitor identifique nos detalhes da narrativa as teias de significação emaranhadas ao longo da história contada. Nesse e na maioria dos contos de Joyce, o autor narra fatos simples do cotidiano para atingir um momento de epifania que transforma não somente a vida dos personagens, mas que representam também transformações significantes na sociedade irlandesa. Tais sutilezas devem ser sentidas pelo leitor ao ler tanto a obra traduzida como o original.

Aspects of the Irish culture in the translation of the short story “The Boarding House” by James Joyce

ABSTRACT: This study aims to analyze and reflect on some of the options and choices of translation made by Hamilton Trevisan and Lucia Collin during the translation process of the short story "The Boarding House" by James Joyce (1882-1941), with regard to the maintenance of cultural aspects outlined by Joyce along the tale concerning the Irish society in the early twentieth century. These aspects were analyzed through the interdisciplinary perspective of the Comparative Literature and the Literary Translation Studies, based on Coutinho (2004), Martins (2011), Pagano (2000) and Santiago (2000). It was possible to identify more fidelity in relation to the original text in Collin's translation.

Keywords: Literary Translation; James Joyce; Comparative Studies.

Referências

COLLIN, Luci. **Contos Irlandeses do Início do Século XX**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007.

COUTINHO, Eduardo. **La Literatura Comparada en América Latina: sentido y función**. In: *Voz y Escritura, Revista de Estudios Literarios*, n. 14, p. 237-258, enero-diciembre 2004.

JOYCE, James. **Dublinenses**. Tradução de Hamilton Trevisan. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/a-pensao>> Acessado em 10 de Setembro de 2012.

JOYCE, James. **The Boarding House**. Disponível em: <http://www.online-literature.com/james_joyce/955/> Acessado em 10 de Setembro de 2012.

MARTINS, Marcia A. P. **O papel da Tradução como força modeladora dos sistemas literários.** In: *Centro, Centros: Literatura e Literatura Comparada em Discussão*, n. 179, p. 111-126. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

PAGANO, Adriana Silvina. **América Latina, Tradução e Pós-colonialismo.** In: *Alfa*, 44, n. especial, p. 157-167, São Paulo, 2000.

RODRIGUES, Sara Viola. **Os limiares da crítica da Tradução na pós-modernidade.** In: *Culturas, Contextos e Discursos: limiares críticos do comparatismo*, coordenado por Tânia Franco Carvalhal, p. 122-137. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SANTOS, Gilfrancisco. **James Joyce: Um viajante circular ou babélica explosão.** Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1281>> Acesso em: 20/09/2012.

SOUZA, Eneida Maria de et MIRANDA, Wander Melo. **Perspectivas da Literatura Comparada no Brasil.** In: *Culturas, Contextos e Discursos: limiares críticos do comparatismo*, coordenado por Tânia Franco Carvalhal, p. p. 39-51). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

Data de envio: 29 de outubro de 2013.

Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2014.

Data de publicação: 2 de abril de 2014.